

Resenha de **Racional ou social? A autonomia da razão científica questionada**. Alberto Oliva. Rio Grande do Sul, EDIPUCRS, 2005. Coleção Filosofia 192. 314p.

Resenhado por **Amélia de Jesus Oliveira**  
Faculdade de Filosofia e Ciências  
UNESP  
saame@uol.com.br

Review of **Racional ou social? A autonomia da razão científica questionada**. Alberto Oliva. Rio Grande do Sul, EDIPUCRS, 2005. Coleção Filosofia 192. 314p.

Reviewed by **Amélia de Jesus Oliveira**  
Faculdade de Filosofia e Ciências  
UNESP  
saame@uol.com.br

A filosofia da ciência contemporânea se encontra, em parte, envolta pelo relativismo, ceticismo e irracionalismo. De modo crescente, ela vem perdendo a plenitude de sua condição, de seu potencial, gerando a desconfiança de que não é capaz de estudar com êxito a ciência. De metaciência imperante, passou a ser apenas mais uma entre aquelas que, em disputa acirrada, clamam para si tal privilégio. Em linhas gerais, é esse o quadro contextual da filosofia da ciência, fornecido pelo professor Alberto Oliva no enveredamento pela discussão da pergunta "Racional ou social?".

No livro, há uma exposição detalhada da contenda existente entre diferentes tentativas de reconstrução da racionalidade da ciência. De um lado, pode-se examinar uma visão internalista que se detém na análise dos aspectos lógicos e empíricos de teorias científicas. Por outro lado, uma visão externalista, baseada na exigência de um exame minucioso de fatores externos (políticos e sociais), clama para si a prerrogativa do estudo da ciência. A discussão das duas perspectivas é conduzida pelo autor de modo a evidenciar, como ele mesmo afirma, o fosso existente "entre a uniformidade das práticas de pesquisa e a diversidade interpretativa que a metaciência abriga" (p.12), um fosso "entre o *otimismo científico* dos praticantes e o *pessimismo metacientífico* de alguns filósofos" (p. 34).

Diante de inúmeros desacordos entre as metaciências, vemo-nos inevitavelmente em uma situação de indecidibilidade epistêmica. E perante esse quadro turvo, o leitor pode se indagar: como chegamos a este estado de coisas? Como pode a filosofia da ciência perder tanto seu fôlego investigativo, sua credibilidade? Como pode a ciência, antes vista como um modelo exemplar de conhecimento, passar a ser vista como um simples conjunto de crenças, determinado socialmente como qualquer outro? Como foi possível, afinal, que tenhamos chegado a questionar a autonomia da racionalidade científica?

Oliva destaca a importância em identificar as razões que favoreceram a difusão do descrédito nas metaciências e, por meio de um exame metódico, analisa como foi possível a chegada ao atual estado de ceticismo com relação à especificidade do método científico, à observação e à indução. A discussão empreendida parte de um contraponto entre a tradição da filosofia da ciência e as metaciências contemporâneas. Uma análise histórica das concepções de método empreendida por filósofos, tais como Aristóteles, Bacon, Descartes, Mill, Whewell, Poincaré, Duhem, Carnap, Popper, revelam a intenção especial – compreensível, segundo Oliva – de encontrar explicação satisfatória para o progresso do conhecimento. Ocorreu, entretanto, que a defesa em prol da universalidade metodológica cedeu lugar para a propagação do pluralismo metodológico (ou anomia? – ele questiona). Com a rejeição das teorias de método, prevalecem os interesses extracognitivos e a abordagem externalista ganha terreno: o que se toma como conhecimento pode ser visto simplesmente como efeito de causas sociais.

No século XX não só a postulação do método científico é desacreditada, mas também as técnicas observacionais. Oliva analisa como a observação deixou de ser a "*base rochosa do conhecimento*" (p.115) para ser sempre *theory-ladden*. A crítica ao observacionismo teria chegado ao extremo com a negação feyerabendiana da possibilidade de distinção entre a dimensão teórica e a observacional (p. 139). O ponto de vista cria o objeto. Não há acesso aos fatos; tudo é interpretação.

Quanto ao ceticismo em relação à indução, Oliva assevera que ele não decorre inevitavelmente do fato de "uma teoria não poder ser deduzida da evidência observacional" (p. 151), lembrando como o ceticismo humeano pouca influência exerceu na filoso-

fia do século XIX. Em sua visão, Popper, sim, muito contribuiu para o descrédito da indução: "De fato, o falibilismo e o convencionalismo metodológico defendidos pelo racionalismo crítico contribuem, ainda que involuntariamente, para a adoção de abordagens sociológicas que tentam chegar, por meio de explicações cada vez mais abrangentes, ao conteúdo da ciência" (p. 161).

As mais influentes filosofias do século XX, com exceção do positivismo lógico, contribuíram, de algum modo, para o avanço de reconstruções metacientíficas cada vez mais externalistas e para a ascensão do ceticismo metacientífico. "O observacionismo e o indutivismo foram durante muito tempo os pilares sobre os quais foram erigidas as principais concepções internalistas de ciência. Com base neles, o progresso se dá por aprimoramento do conhecimento existente ou pela identificação esporádica de descontinuidades" (p. 131). Com o abalo desses pilares, o cenário é de uma intensa luta entre campos de investigação metacientífica, uma luta inexistente antes dos anos 60, quando sociologia e filosofia da ciência não se excluíam, mas eram complementares, quando a ciência podia ser, ao mesmo tempo, reconstruída epistemologicamente e investigada empiricamente.

Enfraquecida, a filosofia da ciência, passa ainda a sofrer a investida de críticos que começaram a defender a importância de estudos de outras disciplinas, tais como a história da ciência, a psicologia da percepção, a filosofia da linguagem. Oliva analisa como estas disciplinas tiveram influência na "Nova Filosofia da Ciência" e como têm sido usadas para desacreditar ainda mais as legislações metodológicas.

A identificação das razões para o afloramento do ceticismo metacientífico, tal como apresentado por Oliva, pode, à primeira vista, parecer uma caça arrojada aos culpados levada ao extremo. O apontamento de teses centrais de filósofos pós-positivistas – Popper, Kuhn, Feyerabend – como berço para radicalizações do socioconstrutivismo é direto e extremamente explorado no livro. Mas, a forma com a qual Oliva explora o debate entre as metaciências, sobretudo entre a filosofia da ciência e a sociologia da ciência, demonstra a persistente tentativa de não só identificar a fonte fornecedora de teses que fortaleceram o ceticismo, mas de explicitar, de modo paulatino, como e por que tais teses deram azo à atual conjuntura metacientífica. O que, a princípio, pode pa-

recer uma generalização ganha contornos definidos no tratamento de objetos cruciais da filosofia da ciência, tais como método, escolha racional entre teorias, critério de demarcação, distinção entre teoria e observação, separação entre contexto de descoberta e de justificação, normativismo x descritivismo, atomismo x holismo.

O poder argumentativo do livro é reforçado ainda por conta do modo como o autor, valendo-se de uma extensa bibliografia, conduz o debate da questão "racional ou social?". Empregando, em parte significativa de seu texto, sentenças do tipo "se..., então...", ele alterna argumentos oriundos da filosofia da ciência com os da sociologia da ciência, exibindo, ainda que em proporções diferentes, as dificuldades, os desafios de cada parte. Por vezes, parece difícil escapar da teia que se arma na disputa pelo racional ou pelo social sem reducionismo. A confrontação dos argumentos daqueles para quem a ciência só pode ser analisada e explicada por uma abordagem externalista com os daqueles defensores da autonomia da racionalidade científica, levada a cabo, suscita a hipótese da desnecessidade de uma abordagem face à validade da argumentação da outra.

Oliva, pertinaz na tentativa de debater a questão que dá título a seu livro, recorre à história da filosofia da ciência para mostrar como alguns filósofos contemporâneos ignoraram que teses que lhe pareceram novas e dão ensejo ao irracionalismo foram antes abordadas por outros filósofos, sem que estes perdessem de vista a autonomia da racionalidade científica. Seu questionamento se estende à possibilidade de se abrir mão da filosofia para o estudo de um saber que é fruto da própria filosofia; à possibilidade de abordagens externalistas obterem êxito na reconstrução da racionalidade científica sem o recurso a um modelo epistemológico. Argumenta, por meio da invocação de vários nomes da tradição filosófica, que ainda que a ciência tenha, ao longo dos tempos, se diferenciado da filosofia, esta esteve fortemente presente nos passos iniciais daquela.

A reconstrução da racionalidade científica – defende Oliva – deve ser buscada sem reducionismo. Ao fim do livro, discutindo como a linguagem desempenha papel fundamental na reconstrução da racionalidade da ciência, seja ela abordada pela filosofia, seja pela sociologia, defende que as "profundas diferenças entre os modelos metacientíficos podem ser objetivamente expressas como divergências nos modos de hierar-

quizar os componentes sintáticos, semânticos e pragmático da linguagem científica" (p. 280).

A análise da passagem da "Nova Filosofia da Ciência" para a sociologia da ciência revela, segundo Oliva, quão determinante para esta se fortalecer foi o crescente destaque da pragmática em detrimento da sintaxe e da semântica. Em seu ponto de vista, a filosofia do século XX passou do sintaxismo à pragmática, sem abordar os problemas próprios da semântica, o que contribuiu muito para o favorecimento do ceticismo na filosofia da ciência. Sob essa perspectiva, Oliva lança a hipótese da necessidade de uma reconstrução ternária da linguagem científica que integre suas "esferas sintática, semântica e pragmática" (p. 301), uma hipótese lançada como o maior desafio da filosofia da ciência e como oportunidade para reflexão e debate entre todos aqueles que prezam essa metaciência e que tendem a buscar resposta consistente à questão "racional ou social?". Em sua jornada, Oliva, além de explicitar quão complexo e instigante pode ser o debate desta questão, muito faz para revigorar a chama da filosofia da ciência.